UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE ITAPECURU MIRIM
CURSO DE LETRAS

DERLIANE MAIARA RODRIGUES PEREIRA MUNIZ OLIVEIRA

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL FEMININA PROTAGONIZADA NO ROMANCE MEMORIAL DE MARIA MOURA

Itapecuru Mirim
2021

DERLIANE MAIARA RODRIGUES PEREIRA MUNIZ OLIVEIRA

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL FEMININA PROTAGONIZADA NO ROMANCE MEMORIAL DE MARIA MOURA

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua portuguesa e respectivas literaturas, da Universidade do Estadual do Maranhão - UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Samira Diorama da Fonseca

Itapecuru Mirim

2021

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL FEMININA PROTAGONIZADA NO ROMANCE MEMORIAL DE MARIA MOURA

Monografia apresentada ao Curso de Letras — Licenciatura em Língua portuguesa e respectivas literaturas, da Universidade do Estadual do Maranhão - UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Samira Diorama da Fonseca.

Aprovado em:___/____/2021

Nota_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Esp. Samira Diorama da Fonseca
(Orientador)

_____

2º Examinador

_____

3º Examinador

Dedico esta monografia às *deias* da minha vida, Maria das Dores, Aurora e Isadora.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, ao meu Deus por ter me concedido saúde, entendimento e sabedoria para a realização deste trabalho.

Aos meus queridos professores e professoras do curso de Letras da UEMA-CESITA que passaram pela minha jornada acadêmica, em especial a professora que a mim orientou com paciência, Samira Diorama da Fonseca.

“Pensamentos valem e vivem pela observação exata ou nova, pela reflexão aguda ou profunda; não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer.”

(Machado de Assis)

RESUMO

A presente monografia pretende discutir sobre o protagonismo feminino dentro do enredo da obra —Memorial de Maria Mourall da autora brasileira Rachel de Queiroz, através da personagem Maria Moura. Identificando como a protagonista conseguiu reiventar um novo conceito de mulher, vivendo em uma sociedade ondeos homens falam e as mulheres escutam. Buscando analizar a partir da teoria da representação social feminina os principais fatores que tornaram a personagemMoura uma mulher à frente do seu tempo, e compreender como era o tratamento desprovido a mulher de meados do século XIX, traçando um paralelo com a Maria Moura. Compreendendo assim, de que forma a personagem resiste ao poder dominante do patriarcalismo no sertão nordestino. Portanto, esta pesquisa situa-se dentro do campo literário brasileiro, dando destaque ao movimento literário modernista, bem como o romance de trinta, onde a obra se destaca. Com o intuitode fundamentar às teorias que serão evidenciadas nesta análise, serão utilizados, além do livro Memorial de Maria Moura, livros, revistas e artigos de outros autores como: Mosvivinci (2014), Mary Del Priory (2020), Gilberto Freyre (2013), e outros cujos trabalhos são de grande relevância para este estudo, principalmente para análise do protagonismo da personagem Maria Moura e seu papel dentro da trama. A proposta dessa temática surgiu através de leituras da obra em questão, observando como o papel da mulher ganhou destaque na obra, assim como o comportamento da mulher em não aceitar a submissão do poder masculino. Contudo, neste estudo serão apontados todos os indícios e indicadores para que se tenha uma resposta acerca das indagações levantadas sobre a temática escolhida para ser discutida e explorada.

Palavras-chave: Rachel de Queiroz. Memorial de Maria Moura. Protagonismo Feminino.Empoderamento.

ABSTRACT

This monograph intends to discuss the female protagonism within the eredo of the work —Memorial de Maria Mouraǁ by the Brazilian author Rachel de Queiroz, through the character Maria Moura. Identifying how the personaguem managed to reinvent a new concept of women living in a society where —men speak and women listenǁ. Seeking to analyze from the theory of female social representation the main factors that produced the character Moura a woman ahead of her time, and to understand how the treatment of women according to the nineteenth century was, drawing a parallel with Maria Moura. Thus, understanding how the personaguem resists the dominant power of patriarchy in the northeastern sertão. Therefore, this research is located within the Brazilian literary field, highlighting the modernist literary movement,as well as the novel of 30, where the work stands out. In order to support the theoriesthat will be evidenced in this analysis, in addition to the book Memorial de Maria Moura, books, magazines and articles by other great authors will be used, such as: Mosvivinci (2014), Mary Del Priory (2020), Gilberto Freyre (2013), and other works which are of great research for this study, mainly to analyze the protagonism of the character Maria Moura and her role within the plot. The proposal of this theme emerged through readings of the work in question, observing how the role of women gained prominence in the work, as well as the behavior of women in not accepting the submission of male power. However, this study will point out all the indicatorsand indicators in order to have an answer about the questions raised about a chosen theme to be discussed and explored.

Keywords: Rachel de Queiroz. Memorial of Maria Moura. Female Protagonism. Empowerment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 09

2 BREVE ABORDAGEM SOBRE O ROMANCE DE 30..... 12

3 RACHEL DE QUEIROZ: Um breve olhar sobre o percurso da criação literária 14

4 O PROTAGONISMO DA MULHER EMPODERADA À LUZ DO ROMANCE MEMORIAL DE MARIA MOURA..... 17

5 ANÁLISE TEÓRICA SOBRE A MULHER EMPODERADA DO SÉCULO XIX 21

6 O IMPACTO DA TEORIA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL FEMININA SOB O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE 25

7 MARIA MOURA NA CONTRAMÃO DA SOCIEDADE PATRIARCAL..... 29

8 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 34

8.1 Tipo de Pesquisa 34

9 RESULTADOS E DISCUSSÕES..... 35

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 38

REFERÊNCIAS..... 40

1 INTRODUÇÃO

Por meio da literatura as pessoas conseguem se aproximar da história e conhecer fatos importantes que marcaram uma época, com isso, entender como se deu determinado processo de evolução, e falar sobre a trajetória percorrida por uma mulher por meio de uma obra literária é de suma importância para que se possa compreender os desafios, as lutas, e também as conquistas que foram alcançadas, são eventos apresentados na obra *Memorial de Maria Moura,* da romancista Rachel de Queiroz. Portanto, este trabalho monografico baseia-se na premissa da valorização do espaço adquirido pela personagem *Maria Moura* ao longo do enredo, entendendo aspectos interessantes para o processo de autonomia e igualdade que permeiam os dias atuais em relação aos avanços obtidos pelas mulheres.

Ao longo desta monografia, será abordada a vertente do empoderamento da protagonista, pautando-se nos fatores que tornaram a personagem uma mulher a frente do seu tempo, tendo como objetivo geral analisar a maneira como Maria Moura resistiu ao poder dominante do patriarcalismo em meados do século XIX no sertão nordestino.

A temática desde projeto foi determinada com o intuito de conhecer justamente a trajetória de uma dessas mulheres nordestinas (*Maria Moura)* que muito contribuiu para o conhecimento sobre as mulheres que escreviam sua própria história de vida, distanciando-se daquela planejada pelos membros da família.

Memorial de Maria Moura, por ser uma produção literária amplamente tomada de temáticas, que reúnem questões sociais ocorridas em todo território brasileiro e principalmente na região nordestina, como por exemplo: as brigas por questões territoriais, a falta de políticas públicas, as mazelas que existem até hoje e costumam serem esquecidas pelos governantes, entre outos aspctos, sentiu-se com isso a necessidade de ampliar os estudos sobre esta personagem, buscando identificar traços da sua influência sobre a representação do papel da mulher na sociedade. A obra em destaque propicia ao mesmo tempo em que reflexões aos leitores, estudos inéditos aos pesquisadores de diversas áreas, para tanto esclarecer e frisar aspectos minuciosos que determinam a obra.

Ademais, foi necessário percorrer a uma série de pesquisas sobre a obra como um todo, para assim entender o perfil da personagem, buscando os vieses metodológicos, bibliograficos e de aplicações mais favoravéis a respeito dos questionamentos suscitados, com a finalidade de propor novos olhares acerca do contexto no qual se situa a trama, tal com entender a ideia principal

elencada pela autora, com isso favorecer de maneira científica os temas destrinchados neste estudo.

Para fundamentar esta monografia, foi necessario recorrer às pesquisas de vários estudiosos que contribuiram para uma investigação mais aprofundada a respeito do conjunto de informações abordadas. Sendo assim, teóricos como: Mosvivinci (2014), Del Priory (2020), Freyre (2013), Fontes (2012), dentre outros que contribuiram como fontes principais para a análise deste estudo.

Para tanto, esta monografia se divide da seguinte maneira: inicialmente será apresentada uma breve abordagem sobre o Romance de 30, elucidando o surgimento deste movimento dentro da escola literária Modernista, os principais escritores e percussores que se destacaram nessa nova tendência de produção literária, as principais características e objetivos que se inserem no contexto regionalista, dado a importância do romance de trinta para a história da literatura brasileira.

Em seguida, a discussão gira em torno da escritora Rachel de Queiroz e um breve olhar sobre o percurso da sua criação literária, onde é possível compreender a trajetória de vida pessoal e artística da cearense que marcou as narrativas românticas com o seu olhar individual sobre os temas que caracterizavam o regionalismo, e sua posição como mulher de grande destaque no meio literário.

Na abordagem seguinte, será discutido o protagonismo da mulher empoderada à luz do romance memorial de Maria Moura, que tem por finalidade discorrer sobre a obra, e as principais partes que apresentam o protagonismo da personagem na trama, verificando a condição que a tornou uma mulher empoderada.

Conseguinte, uma análise teórica sobre a mulher empoderada do século XIX, irá ajudar compreender como as mulheres desse século se sobressairam e conseguiram se desprender da construção familiar marcada pelo patriarcalismo, e de que forma elas conseguiam obter poder e sobreviver em meio a um século cheio de preconceito e injustiças sociais. A partir desses pressupostos é propício fazer um paralelo com a obra Memorial de Maria Moura, analisando as marchas das mulheres pela conquista de um espaço na sociedade.

Adiante, uma discussão foi realizada sobre o papel da mulher na sociedade, com a teoria da representação social feminina e o seu impacto sob o lugar da mulher na sociedade, onde servirá como fonte indispensável na questão sobre o

estudo do percurso da protagonista Moura.

Em sequência, será exposto o norte que levou Maria Moura ir na contramão da sociedade patriarcal, respondendo a principal questão deste trabalho, pois, sabe-se que no século XIX a mulher tinha um lugar convencionado na sociedade.

Logo após, será demonstrada a metodologia utilizada nesta monografia, abordando itens sobre os procedimentos e o método utilizado para obtenção das informações adquiridas. Por fim, os resultados e argumentações serão levantados, dentre outros, sobre a protagonista Moura, apurando de que forma ela alcançou um elevado posto de poder, ponderando também as vertentes principais que a categorizou como ser feminino capaz de enfrentar o patriarcado no sertão nordestino. O trabalho segue para a parte final, contendo as considerações finais a respeito de todo o trabalho elaborado, e as contribuições do mesmo para os estudos acadêmicos científicos.

Mediante a visão literária e profunda sobre o protagonismo da mulher e suas facetas para se estabelecer na sociedade, foi possível desenvolver uma temática na qual Rachel de Queiroz era perita e sabia muito bem destrinchar e tinha uma ótica perfeita de apresentar uma personagem como Maria Moura, que igualmente a ela soube ter uma visão a frente do seu tempo, uma obra tão completa como Memorial de Maria Moura, a qual retrata a mulher do sertão tal qual ela era e como se pode averiguar muitas ainda são, é e sempre foi alvo de várias pesquisas, tanto no que tange a literatura como por exemplo: na sociologia por abordar a sociedade de 1800, na Geografia, quando a paisagem da seca e das serras são descritas, na história, porque apresenta acontecimentos que marcaram a sociedade, como aspctos culturais e religiosos, e a própria história das mulheres, entre outras abordaguens, diversos campos de estudos também podem se apropriar da obra para alcançar novas pesquisas.

2 BREVE ABORDAGEM SOBRE O ROMANCE DE 30

Com o movimento Modernista no Brasil, novos ideais estéticos se ajustavam, olhares sob a ótica literária foram se destrinchando para uma nova forma de escrever, inéditos estilos se estabeleciam, temas polêmicos ganharam repercussões na mídia do ano de 1922, dessa forma a originalidade de grandes autores foram revelando-se no círculo literário como: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia, entre outros. O movimento promoveu rupturas e implantação no meio artístico e literário, assim os envolvidos nessa nova corrente literária que deram impulso ao Modernismo no século XX procuraram exibir novas direções artísticas. É importante preconizar que a semana de arte moderna no ano de 1922 ficou marcada como ponto de partida para a elevação do modernismo no Brasil.

De acordo com Bosi (2006):

> Somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estruturou depois de 1930. A afirmação não quer absolutamente subestimar o papel relevante da Semana e do período fecundo que se lhe seguiu: há um estilo de pensar e de escrever anterior e outro posterior a Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira (BOSI, 2006, p. 383).

De tal modo, o romance de 30 se estabelece na segunda fase modernista, abrangendo-se de 1930 a 1945, com a introdução da obra A bagaceira, do autor José Americo de Almeida. Verifica-se o foco na tradição literária de atentar-se para à reflexão crítica sobre o cenário árido, a linguaguem coloquial, a escrita simples e objetiva, fugindo da estética de preocupação com as rimas e a metrificação.

O contexto histórico vivenciado pelo Brasil na época teve grande reflexo nos romances de 30, haja vista que, a miséria predominava e desemprego aumentava, sem falar na tensão política acometida pela república do café com leite. Todos esses abalos influênciaram os escritores regionalistas em suas narrativas de cunho retratista da realidade, centrada em uma determinada região do país e abordagens sobre as injustiças sociais.

Jovens escritores atentos e impressionados com o dilema da paisagem da seca no nordeste buscaram por meio literário evidênciar as questões que atormentavam o povo nordestino. A literatura regionalista então começa a ganhar destaque com assuntos relacionados a fases difíceis enfrentadas pelos

nordestinos, tendo em conta que os problemas sociais foram expostos por escritores como Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Jorge Amado e José Lins do Rego, que pelo viés da literatura ficcional retrataram a vida rural, agrária, cotidiano do sertanejo e as mazelas provocadas pela falta de políticas pública para os mais necessitados.

Tamaru (2004) considera que:

> O conjunto desta produção cultural responde por um objetivo específico: definir e divulgar um espaço e uma cultura nordestinos a partir dos anos de 1920 no Brasil. Desta forma, realiza-se uma união perfeita entre modernista e regionalista, misturando elementos locais e universais, para obter a identidade nacional com um –ethosǁ cultural próprio, autêntico, avesso ao importado, estrangeiro e europeizante. Este projeto ideológico viabilizará a sobrevivência simbólica das elites agrárias destituídas do poder pela revolução. (TAMARU, 2004, p. 16).

O romance de trinta, assim como as demais produções de todo movimento modernista, principalmente a construção literária, obteve êxodo por investir em novos estilos, desmembrando-se dos moldes atuais da época. A prosa e a poesia ganharam destaque, com isso, possibilitou a quebra de barreiras e novos propositos para uma inovação no meio artístico. As vistas disso, os romances se tornaram progressivamente mais regionalistas e urbanos.

Candido (1985) elucida que:

> [...] Romance fortemente marcado de neorrealismo e de inspiração popular, visando os dramas e aspectos caracteristicos do país: decadência da aristocracia rural e formação proletariado (José Lins do Rego); [...] êxodo rural, cangaço (José Americo de Almeida, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos) [...] (CANDIDO, 1985, p. 123 apud FERREIRA, 2012, p. 65).

Para tal, as características desses autores aproximam-se ao neorrealismo, ao aderir uma narrativa contínua, como é o caso de Rachel de Queiroz, suas produções dotadas de temáticas sociais, objetividade, simplicidade, linguaguem popular e regional.

O romance de 30 é, portanto, uma referência considerável para a história da literatura brasileira, os romancistas de 30, fomentaram suas narrativas de acordo com a situação real na qual viviam o povo do interior do país, com pensamentos voltados para uma visão ampla de crítica acerca das desigualdades e proplemas sociais, enfrentados principalmente com foco na região do nordeste.

3 RACHEL DE QUEIROZ: Um breve olhar sobre o percurso da criação literária

Rachel de Queiroz nasceu no município de Quixadá localizado no interior do estado do Ceará, em 17 de novembro de 1910, era a filha mais velha dos cinco filhos de Clotilde Frankli de Queiroz e Daniel de Queiroz. Sua família era de elite latifundiária, seu pai tinha a intenção de levar para o Ceará os projetos de construções tal como estavam sendo feitos no sul do Brasil, transformando a capital cearense mais moderna e avançada.

Daniel e Clotilte tinham o prazer pela leitura e o conhecimento, os dois foram responsáveis em ensinar as primeiras letras para Rachel, principalmente seu pai. Sob orientacão dos dois a jovem foi adquirindo o gosto pela literatura, sua mãe encomendava livros e revistas da Eurora, mais tarde, por incentivo da avó, ela então foi inserida na escola de ensino regular.

Rachel presenciou de perto as desigualdades sociais que permeavam uma parte do nordeste brasileiro. Em suas idas e vindas entre a capital de Fortaleza e o interior do sertão onde ficava a fazenda do Junco, o olhar da jovem assistia à dureza e as mazelas enfrentadas pelas camadas mais pobres do Ceará.

Acostumada a ouvir histórias reais sobre a seca, do cangaço, de trabalhadores rurais, vindas de uma linguagem simples e contadas pelos visitantes de seus pais, Rachel foi elaborando suas ideias sobre uma escrita original e espontânea, com isso, a escritora passou a se dedicar em criar personagens que pudessem representar a raíz do sertanejo, o lado humano das pessoas, o trabalho duro dos que enfrentava o árduo sol para sobreviver.

De acordo com Hollanda (2004):

> Rachel de Queiroz foi a única escritora mulher aceita como representante do movimento modernista. Foi uma das primeiras mulheres a se propor, com sucesso, uma vida independente e livre. Foi uma mulher que escolheu e determinou seu destino afetivo, existencial, literário, profissional, político. Foi uma mulher que viveu de e para o ofício de escrever (HOLLANDA, 2004, p. 297 *apud* GOMES 2009, p. 49).

Além da autora cearense se dedicar em escrever textos inovadores, que pudessem apresentar uma crítica sobre o contexto da época em que o sertão brasileiro vivia, ela apresenta seu posicionamento sobre o papel da mulher na sociedade. A figura feminina surge sob novas perspectivas na ótica de Rachel de Queiroz, a autora construiu uma imagem de mulher singular, distante da considerada mulher ideal, ela buscou traços de uma revolucionária, capaz de vencer

a seca, de enfrentar as adversidades e lutar pelo seu reconhecimento.

Abreu (2012, p. 1) diz que —Em todos eles, a mulher é representada como personagem que traz em seu âmago um desejo latente de liberdade, quase nunca alcançado devido à submissão que lhe é imposta por uma sociedade patriarcal‖. Observam-se tais características nas obras O quinze (1930), João Miguel (1932), Caminho de pedras (1937), As três Marias (1939), Dôra, Doralina (1975) e Memorial de Maria Moura (1992). Com isso a mulher adquire realce nas obras da modernista Rachel de Queiroz.

Com apenas 15 anos de idade já se inclinava para o mercado de trabalho, atuando como professora, e com 19 anos de idade publica em 1930 o romance que ficaria conhecido como uma das obras que mais representou o regionalismo brasileiro, *O Quinze*, obra de cunho social que agradou a grande massa intelectual da época, Mário de Andrade aplaude aquela que deixou um enorme legado para a literatura brasileira —Raquel de Queiroz, com seus divinos dezenove anos, recheada de literatura, provavelmente loquaz como todo nordestino que se preza muito lindinha de certo, teve vontade de escrever (EDMÍLSON, 2010, p. 52).

Mais tarde ela entra para a Academia Brasileira de Letras no ano de 1977, tornando-se a primeira mulher a adentrar na imortalidade da literatura brasileira. Além de romancista, a escritora, colaborou para vários jornais, como o Jornal do Ceará, Jornal do Povo, O Diário de Notícias e contribuiu para a revista *O cruzeiro*, além disso, escreveu mais de duas mil crônicas, atuou também como tradutora, foi teatróloga e exerceu carreira como jornalista, seus trabalhos tiveram grande êxodo e suas escritas foram reverenciadas e obtiveram prestígios no meio literário. Durante uma entrevista Rachel de Queiroz fala acerca do ato de escrever sobre determinada temática:

> Acho que para cada escritor há uma razão diferente. No meu caso, num certo sentido é o desejo interior de dar um testemunho do meu tempo, da minha gente e principalmente de mim mesmo: eu existi, eu sou, eu pensei, eu senti, e eu queria que você soubesse. No fundo, é esse o grito do escritor, de todo artista. Creio que o impulso de todo artista é esse. É se fazer ver. Eu existo, olha pra mim, escuta o que eu quero dizer: tenho uma coisa pra te contar. Creio que é por isso que a gente escreve. Rachel de Queiroz[1]. (QUEIROZ 1991).

Com o apoio da família, e muita determinação, Rachel conseguiu almejar um então espaço na carreira pública, ganhou voz e vez, e foi uma percussora do incentivo a entrada de mulheres no mundo literário. Rachel soube trilhar muito bem

[1] GIOVANI, Ricciardi. Auto-retratos. São: Paulo: Martins Fontes, 1991.

seu caminho, provou que vale a pena lutar pelos seus objetivos, não encontrou barreiras que não pudesse derrubar, e ainda escancarou a realidade social do nordeste brasileiro, expondo em suas escritas, o que não era conveniente apontar na época.

Destacou-se em um período literário onde novas percepções e escrita estavam surgindo no âmbito literário. Tornou-se uma das vozes mais potentes do nordeste brasileiro, através de suas obras foi possível conhecer e adentrar nas questões que permeavam o cenário de uma região com pouca visibilidade literária. Além das questões sociais mencionadas nas obras de Rachel de Queiroz, o leitor obtém conhecimentos acerca da cultura dos nordestinos, conhecendo hábitos, crenças, estilos, culinária e tudo que envolve principalmente a cultura do estado do Ceará.

Conhecer a história de Rachel de Queiroz é imprescindivível, porque possibilita entender o olhar sobre o seu percurso da criação literária, e a aproximação da ficção com a realidade. São vertentes que estão presentes nos enredos de suas obras, assim como as demais produções artisticas de cunho regionalista e retratista dos fatos, Memorial de Maria Moura realça o tom de denúncia, o protagonismo feminino, o comportamento e a visão que a sociedade tinha sobre a mulher, são fatores que serviram de analise para esta monografia.

4 O PROTAGONISMO DA MULHER EMPODERADA À LUZ DO ROMANCE MEMORIAL DE MARIA MOURA.

Este romance é sem dúvidas um dos maiores da literatura brasileira, e o último a ser escrito por Rachel de Queiroz, publicado no ano de 1992, o enredo situa-se no ano de 1850 em meados do seculo XIX. A trama possui cinco narradores em primeira pessoa, o padre Romano, Maria Moura, seus primos Tonho, Irineu e Marialva. De acordo com Ana Miranda[2] “Maria Moura é um monumento” (FONTES 2012, p. 101). Reportando-se a organização dos relatos em primerira pessoa e também pelo fato da trama ter vários narradores. “uma estrutura dificílima”. Em pleno seus 82 anos de idade, Rachel escreveu uma incrível história que tem como cenário o sertão do Ceará. O regionalismo crítico da autora, assim como em seus outros romances, insere e enfatiza novamente as questões sociais e humanas, tais como, a seca no nordeste, as lutas por questões territoriais, a miséria, a morte, o posicionamento da figura feminina entre outras que permeiam o nordeste do Brasil. Com essa ilustre obra, Rachel ganhou o prêmio Camões e também o prêmio Juca Pato. Dois anos após a pulicação do estimado livro a autora vende os direitos de ataptação para a emissora rede Globo.

Prevalecem em Memorial de Maria Moura, a descrição fiel da paisagem árida, a vida rural, o cangaço, as desigualdedes socieconômica, e o destaque e desvantagens da figura feminina na sociedade. Em uma entrevista para o programa Roda Viva[3] da TV Cultura a escritora diz o seguinte: “a gente tem que dar o testemunho fiel do seu tempo e da sua gente e as conclusões que sejam tiradas”. Desde cedo a cearense presenciou fatos que marcaram a vida do sertanejo, acostumada a ouvir relatos de conhecidos moradores do interior, a autora se propôs a transportar essas histórias para sua ficção literária, a partir das referências obtidas ao longo da sua vida. A romancista cria a personagem que também intitula a obra, Maria Moura, protagonista principal do livro Memorial de Maria Moura, personagem cuja trajetória será discutida nesta monografia.

Com tantas vertentes a serem discutidas e analisadas no referido romance, preferiu-se destrinchar sobre a repesentação social feminina protagonizada por Maria Moura, atendendo a necessidade de compreender de que forma se deu a resistência da personagem ao poder dominante do patriarcalimos em meados do

[2] *Ana Miranda Estreou na literatura em 1978, com um livro de poemas. Pela Companhia das Letras, publicou seis romances, uma novela e um volume de contos. Tem livros publicados em países como Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália...*

3 *Roda Viva da TV Cultura1991 Site: http://tvcultura.com.br/programas/rod...*

século XIX no sertão nordestino.

A trama é narrada por meio de analepses dos personagens e expõe as travessias de uma jovem órfã de pai e mãe que se encontra obrigada a fugir de casa durante uma briga pela disputa de suas terras. Forma um bando com homens conhecidos de seu pai e anda pelo interior do Ceará igual um chefe do cangaço, assaltando, e adquirindo riquezas, seu objetivo era encontrar umas terrras conhecidas como Serra dos Padres, deixada pelo seu pai.

Durante esse percurso ela vai deixando de ser a sinhazinha da fazenda no Limoeiro e passa a ser chamada pelos seus cabras de dona Moura. No decorrer da jornada, Moura foi criando ambição, determinada a construir uma casa forte onde ninguém pudesse lhe expulsar, tal como seu padrasto e seus primos tentaram fazer, tal fato é verificado no seguinte trecho:

> —Uma vez a menina na delegacia, o homem segura ela lá por algumas horas. Nesse ínterim a gente toma posse e ocupa o Limoeiro. Quando a Moura voltar, já vai nos encontrar senhores do terreiro; e o que lhe resta é se conformar com a situação (QUEIROZ, 2008, p. 58).

Conseguinte, Moura vai construindo uma nova mulher, temida por todos e capaz de tudo para defender os seus ideais. Sua perseverança de ganhar o mundo se inicia quando a jovem se sente ameaçada pelo padrastro, Liberato, que tenta lhe obrigar a assinar uns documentos dando-lhes direitos sobre a fazenda do Limoeiro. No entanto, desconfiada do padrasto ter tirado friamente a vida de sua mãe, ela procura na mente quem poderia dar um fim no suposto assassino, de acordo com o seguinte fragmento:

> Eu não podia ter mais dúvida: pelas palavras mesmo da boca do Liberato eu sabia: tinha sido ele o matador... Ele, a bem dizer, tinha confessado... Nas mãos dele eu já estava, e para não ter a sorte de mãe, tinha queatacar, era ou ele, ou eu. (QUEIRÓZ, 2008, p.28).

Uma vez que, o enredo expõe a rota de uma mulher alimentada pelo discurso —era ou ele, ou eull a jovem vale-se desses mesmos itens lexicais durante toda trama para justificar sua defesa contra aqueles que queriam lhe prejudicar. Com esse perfil sertanejo, Maria Moura conseguiu fazer sua própria justiça, pois sabia que as autoridades de forma alguma ficariam do seu lado perante as circunstâncias em que ela se encontrava.

De acordo com Mary Del Priore (2020):

> Contra as mulheres, sobretudo as pobres, o juízo dos tribunais era sempre preconceituoso: eram do lar e mães? Cuidavam dos filhos, amamentavam? E do marido, cuidavam? Esse policiamento não as impedia de se defender e, muitas vezes, contratacar. Ao contrario do que se pode pensar, mulheres agiam e reagiam de acordo com valores próprios a seu sexo, sua condição e sua classe social. (DEL PRIORE 2020, p.140).

Diante do contexto em que se situa a obra (ano de 1850) onde a mulher não podia contar com lei alguma que pudesse lhe resguardar, a solução era planejar uma defesa que pudesse lhe proteger. Isso não significa que todas as mulheres da época recorriam às mesmas ideias de Maria Moura, no entanto, existiam mulheres capazes de fazer de tudo para deixar de sofrer ou se libertar dos patriarcas crueis.

Maria Moura não é apenas uma personagem vinda da imaginação de Rachel de Queiroz, ao estabelecer o perfil feminino da protagonista Moura, a autora inseriu características de uma real cangaceira. Uma mulher que viveu no sertão do nordeste brasileiro, para enfrentar os desafios de uma terra marcada pela seca, pobreza, desvantagens sociais e a fome, decide entrar para o cangaço e dá outro rumo a sua vida. De acordo com Rachel de Queiroz em uma entrevista ela diz que: “uma mulher que saía com os filhos e um bando de homens assaltando fazendas era a Lampiona da época” (FONTES 2012, p. 111).

Outra personalidade que inspirou a autora na criação de Maria Moura foi à rainha Elizabeth I da Inglaterra, durante o programa Frente a Frente, exibido pela emissora Rede Vida de Televisão (1991) Rachel revela o traço principal que marca o enredo de Memorial de Maria Moura. “eu me inspirei para escrever a Maria Moura, na Rainha Elizabeth I da Inglaterra, quando eu comecei a pensar, pensava na rainha Elizabeth do sertão brasileiro, solta para conquistar a vida dela, [...]”. A história de Moura se assemelha a da rainha porque ambas as mães foram assassidas e não terem a presença do pai foi um fator determinante em suas histórias. Outra verossimilhança está atrelada ao casamento, as duas decidem permanecer solteira.

Rachel dedica seu livro a essas duas figuras feminas de presença e imagens fortes, uma mulher de atitude e coragem e outra de notável trajetória de vida. O protagonismo de Moura como uma mulher de poder e sublime personalidade é constatado quando ela consegue alcançar um posto tão alto quanto de uma rainha, afinal se torna a líder/chefe do seu bando, seu castelo é a casa forte e sua riqueza é o respeito que ela conquistou. Quando a personagem sai em disparada à frente do seu bando, na verdade demonstra poder superior sob a figura masculina, além de representar a sua liderança e posicionamento diante de seus homens,

dando a entender que a mulher também é forte. Saí na frente, num trote largo. Só mais adiante, segurei as rédeas, diminuí o passo do cavalo, para os homens poderem me acompanhar. (QUEIROZ 2008, p. 493).

Dessa maneira, a personagem não se limita apenas em obter bens materiais, ou ter um lar, tampouco escolhe uma vida pacífica, pois no decorrer da trama a protagonista se aventura em missões e aventuras perigosas, mesmo já possuindo tudo que uma mulher poderia ter. Moura, considera o poder como uma vantagem perante o sexo masculino. Este foi desde o inicio o que ela sempre quis ter nas mãos, o tão sonhado poder.

Maria Moura fazia questão de se enaltecer diante de todas as aquisições que o seu elevado posto de detentora de todo poder lhe garantia, com glória e satisfação, “cadê a dona da casa forte, a cabecel desses homens todos, que comanda de garrucha na mão e punhal no cinto. Com vinte bacamartes carregados, garantindo a retaguarda, para o que der e vier!” (QUEIROZ, 2008, p. 389).

5 ANÁLISE TEÓRICA SOBRE A MULHER EMPONDERADA DO SÉCULO XIX

As discussões que permeiam a história das mulheres no século XIX como aquelas que eram desprovidas de direitos, e suas tarefas eram ditadas pelos patriarcas da família é comprovada por historiadores, sociólogos, literatos entre outros estudiosos. Porém, nesses mesmos estudos é plausível constatar por meio de leituras e investigações que houve mulheres que se reinventaram para escapar das amarras masculinas. Para poder sobreviver em meio a tantas dificuldades e maus-tratos sofridos pelo companheiro, era necessário ter muita determinação para encarar um mundo de preconceito e de poucas oportunidades. Problemas estes que, perpassam por décadas e estão enraizados em todas as épocas da história, não só do Brasil, o descaso com o bem-estar das antepassadas que tiveram seus destinos marcados pelas injustiças sociais, mas em diversas partes do mundo.

A utilização do termo empoderamento começa a ser introduzido nos anos 70 nos Estados Unidos com o surgimento de movimentos sociais, propagando-se em diversos âmbitos. Mais tarde, no ano de 1980 a expressão destaca-se na áreado progresso, principalmente em relação à mulher.

Com isso, a definição do empoderamento foi associando-se a outros termos que representam a conquista e participação da mulher na sociedade, liberdade, atuação, autoestima. o **empoderamento**[4] é uma construção que liga forças e competências individuais, sistemas naturais de suporte e comportamento pró-ativos no âmbito das políticas e mudanças sociais. (Rappaport, 1981, 1984, *pud* Berth, 2019, p. 24).

Observa-se que a potência do item lexical em destaque surgiu com o proposito de tornar o indivíduo capaz de transformar a si próprio e outrem em pessoas ativas capazes de opor-se às condições de dependência e insuficiência. Neste trabalho monográfico o item lexical (empoderamento) será aderido na perspectiva do melhoramento da condição feminina.

Segundo Gohn, Kleba e Wendhausen (2004, 2009):

> Há dois sentidos de empoderamento mais empregados no Brasil: um se refere ao processo de mobilizações e práticas que objetivam promover e impulsionar grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia; e o outro se refere a ações destinadas a promover a integração dos excluídos, carentes e demandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos etc. em2 sistemas geralmente precários, que não contribuem para organizá-los, pois os atendem individualmente através de projetos e ações de cunho assistencial (GOHN, 2004 *apud* KLEBA; WENDHAUSEN, 2009, p. 735 *apud* MARTINS 2019, p. 404).

[4] https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-deempoderamento-a-palavra-da-vez

Em meados do século XIX, as mulheres de classe social média não eram asseguradas de quase nenhum direito. As primeiras movimentações em direção às igualdades e algum direito politíco só foram adquiridos no século posterior, quando finalmente elas ganharam espaço na sociedade pública e privada, como a educação, divórcio, direito a ter seus bens resistrados em seu nome, entre outros. Ao longo de muitos anos a mulher ficou esquecida, a ela era proibido o direito de escolha, não podiam escolher com quem se casar. Divórcio nem pensar, somente se o seu companheiro quisesse, andar pelas ruas desacompanhadas era uma ofensa. Pequenas atitudes por menores que fossem como opinar sobre seu próprio destino, era motivo de punição, quando não eram trancafiadas em conventos sem o seu consentimento, serviam como proposta de casamentos negociavéis. Se não pudessem ter filhos eram ditas como secas, se não casassem eram denominadas de solteironas. O correto era aceitar qualquer proposta de casamento para não ter esse status, não eram donas do seu próprio corpo, pois o importante era o prazer do seu companheiro.

Conforme Freyre (2013):

> À exploração da mulher pelo homem, característica de outros tipos de sociedade ou de organização social, mas notadamente do tipo patriarcal-agrário — tal como o que dominou longo tempo no Brasil — convém a extrema especialização ou diferenciação dos sexos. Por essa diferenciação exagerada, se justifica o chamado padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as liberdades de gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado da obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino. (FREIRY, 2013,p.129).

Embora a opressão, a submissão e as desvantagens das mulheres no século XIX tenham ocorrido de forma contínua durante muito tempo, algumas delas de personalidades fortes e com determinação, não aceitavam a submisão que lhes eram impostas pelos homens. Tinham coragem de ir contra as políticas e normas de condutas estabelecidas pelos preceitos da disciplina eclesiástica. Sobre a visão de comportamento preconizado pela igreja católica, “A Igreja apropriou-se também da mentalidade androcêntrica presente no caráter colonial e explorou as relações de dominação que presidiam o encontro de homem e mulher [...]” (DEL PRIORE, 1993, p. 29 *apud* OLIVEIRA 2013, p. 08).

Mesmo com o risco de ser deserdada pelo pai e repugnada pelo marido, mulheres com pensamento de mudança e atitude iam aos poucos provocando situações que iam de encontro à liberdade, adquirir poder em uma época marcada

pela desigualdade entre os sexos foi difícil, mas não impossível. De acordo com Freire (2013):

> Langsdorff, nos princípios do século XIX, visitou uma fazenda no Mato Grosso, onde o homem da casa era uma mulher. Vasta matrona de cinco pés e oito polegadas, o corpo proporcionado à altura, um colar de ouro no pescoço. Mulher já de seus cinquenta anos, andava entretanto por toda parte, a pé ou a cavalo, dando ordens aos homens com a sua voz dominadora, dirigindo o engenho, as plantações, o gado, os escravos. 104 Era uma machona. Junto dela o irmão padre é que era quase uma moça. (FREIRE 2013 p.130).

As mulheres começam a dedicar-se a trabalhos fora de casa, em busca de melhores condições de vida, seja por meio de venda de comida de porta em porta, criavam receitas de doce para vender na rua, costuravam, passavam, vendiam refrescos e bebidas. Eram profissões exercidas principalmente pelas ex-escravas que buscavam um meio para se sustentar por conta própria.

Além disso, tanto as negras quanto as brancas, vendiam seu corpo, qualquer meio de ganho através de trabalhos sejam eles bons ou ruins eram convenientes, e não eram vistas como vítimas nem por elas mesmas, se reiventavam e tinham capacidades de se manterem, mesmo com as adversidades, conseguiam criar seus filhos sozinhas, e não descansavam, todos os dias iam a luta, encaravam seu destino e os reconstruiam, observa-se que as conquistas obtidas desde o começo da trajetória de vida da mulher no sentido amplo, refletem nas vitórias que existem hoje.

Del Priore (2020) diz que:

> Mulheres de todas as condições, todas as idades e todas as cores sempre souberam descortinar brechas, reinventar-se, apostar na criatividade para seguir em frente. Elas enfrentaram o patriarcalismo, acharam degraus para subir na vida, fizeram histórias. Tantas vezes apresentadas como vítimas de eventos dramáticos ou de um destino que as mergulhou em sofrimento, souberam vencer armadilhas diversas. (DEL PRIORE, 2020, p. 9).

Com o início da revolução industrial a partir da segunda metade no século XIX na Inglaterra, as mulheres passaram a trabalhar nas fábricas exercendo as mesmas funções que os homens, porém, com salários menores, trabalhavam cerca de 14 a 16 horas por dia, a preferência por mulheres no setor de manuseio de maquinas era justamente pela mão de obra mais barata, sendo que elas não podiam fazer qualquer reivindicação, pois não desfrutavam de nenhuma lei trabalhista de amparo e proteção as circunstâncias ruins de trabalho, mesmo com péssimas condições de suas tarefas, elas continuavam a batalha pela sobrevivência. No entanto, a visão que se tinha da mulher como aquela que nasceu apenas para

realisar as funcões domésticas e cuidar dos filhos foi mudando, segundo Freire (2013, p. 139) “Os antropólogos sociais reconhecem que nas sociedades primitivas a mulher se revela elemento valiosíssimo na indústria ou na arte industrial — dado o seu poder, a sua capacidade de dissolução, como indivíduo, na massa”

Observa-se que o empoderamento feminino se iniciava quando mulheres como as do século XIX decidiam reconstruir a vida. Não tinha nenhum amparo, e não eram asseguradas por lei alguma, deixavam o medo de lado e tornavam-se fortes, tinham iniciativas e competências para serem muito mais do que a sociedade pré- estabelecia em sua vida.

Ao longo de todo século XIX, as mulheres brancas e negras iam à luta, trabalhavam, faziam de tudo para adquirir sustento, mesmo com as extremas desigualdades de um século que colocava a mulher na posição inferior ao do homem. De acordo com Freire (2013, p. 131) “não é certo que o sexo determine de maneira absoluta a divisão do trabalho, impondo ao homem a atividade extradoméstica, e à mulher, a doméstica”. O descaso de políticas públicas voltadas para o ser feminino também era uma barreira enfrentada, no entanto, mostravam que seu papel era importante tanto em casa como em todos os lugares sociais.

6 O IMPACTO DA TEORIA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL FEMININA SOB O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

Diante da história da luta feminina por melhores condições de vida, de posicionamento no ambiente público, de lugar no mercado de trabalho e salários dignos, pode-se observar que o caminho percorrido não foi nada fácil, é possível afirmar que foi um processo longo e marcado por muitas perdas e conquistas; várias foram às mulheres que lutaram muito para sobreviver em uma sociedade marcada pelo preconceito da imagem feminina. Transformações relevantes foram se instalando no círculo feminino, o papel da mulher na sociedade foi abrangendo-se cada vez mais, a mulher deixou de ter o exclusivo trabalho de cuidar do lar e dos filhos e passou a ter outras atividades e seulugar passou a ser onde elas quisessem estar. A luta pela igualdade entre osgêneros foi se tornando ainda mais constante com os movimentos a favor das mulheres, com isso, novas representações quanto ao lugar de circulação femininana sociedade foram se consolidando.

O posicionamento político denominado feminismo, atrelou conquistas que atualmente continuam em perdurável elaboração no que tange as diferenças entre gêneros. Esse movimento trouxe uma nova perspectiva sobre a latente luta a favor dajustiça e de melhores condições de vida para aquelas que almejam a redefinição de seu papel social.

A partir da discussão sobre a teoria das Representações Sociais do teórico Serge Moscovici, é possível compreender como se deu as séries de mudanças ocorridas no que se refere às conquistas adquiridas pelas mulheres. Essa teoria surgiu a partir dos estudos que o teórico realizou no campo da psicologia social com a puplicação da obra *La Psychanlyse* em 1961. Seu intuito era classificar determinado grupo social a fim de compreender o comportamento sobre ele. De acordo com Moscovici (1961/1976, p. 26) “A representação social é uma modalidade de conhecimento particular, tendo por função a eleboração dos comportamentos e da comunicação entre os indivíduos”. Sua linha de raciocínio acerca destes estudos partiu do conceito de “representação coletiva” de Durkhein.

Para tanto, ao se debruçar nos estudos das representações sociais, convém ter em conta a pratica social e suas formas de expressões para assim entender a realidade de uma sociedade. Sabe-se que, com os estudos sobre a teoria das Representações Sociais de determinado grupo foi possível fazer pesquisas mais avançadas ao longo dos anos, uma vez que, esse conceito se encaixa em outra

correntes que têm relevantes estudos voltados para o senso comum.

A elaboração dessa teoria deu-se por meio do conhecimento que se pode adquirir sobre a maneira particular que vive determinado indivíduo, bem como a experiência e observação de um grupo de pessoas. Moscovici encontrou na psicanálise o seu objeto de estudo para detectar e solucionar problemas sociais através das representações sociais.

Engloba-se na teoria das representações sociais, os estudos da representação da mulher, seu posicionamento e papel social, um conjunto de informações sobre sua cultura, pensamento, relacionamento com gênero oposto e tudo que se refere a sua condição de ser feminino. O espaço social das mulheres desde seu nascimento era determinado pelo lugar social oposto ao dos homens. Coragem, disposição, capacidade e potêncial eram convencinal atrelar a ele, a ela cabia estabelecer perfis de fraqueza e vulnerabilibade. Diante desta perpctiva, Gebrara (2010), elucida que, quando se reflete sobre:

> As relações entre mulheres e homens nos damos conta de que nossas sociedades atribuem mais valor, maior força organizativa, maior força política aos homens e deixam as mulheres em segundo plano (GEBRARA 2010, p.37 apud SCHWAHN, GRAUPE e CARON 2019, p. 03).

Ao relacionar o estudo sobre o papel da mulher à teoria das representações sociais, deve-se considerar o contexto socio-cultural, sua história, entre outros aspectos, porque tendo estes preceitos em mente é licito entender suas bases sociais, culturais e também sua dinâmica no universo das interações.

Durante muito tempo, a representação da mulher foi estabelecida de maneira rasa, sua função era determinada de forma isolada se comparada as dos homens, no entanto, esse cenário foi se alterando e consequentemente novas visões sobre a representação do ser feminino na sociedade foram adquirindo abrangências. O papel da mulher deixou de ser tão somente aquele estabelecido pela arcaica sociedade que viam a imagem feminina como um ser criado para somente procriar.

A cultura de associar o ser feminino ao sexo frágil ainda é algo comum na sociedade atual. Termos e rols antigos ainda são usados para menosprezar e atingir mulheres de todos os lugares do mundo, até mesmo aquelas que ocupam um espaço de alto posto na sociedade, são julgadas e descriminadas pela condição de serem mulheres.

Com o impacto da representação social feminina na sociedade, o papel da mulher foi se redefinindo, cabe ressaltar, que essa representatividade do ser feminino, se deu por meio de uma longa jornada, além disso, o patriarcalismo que foi durante muito tempo estabelecido pelas famílias, se perdura até os dias atuais.

No entanto, houve grandes mudanças, revoluções e conquistas feitas por mulheres, que antes mesmo de existir qualquer tipo de movimento social, já sabiam lutar pelos seus ideais e contra o poder dominante do sexo masculino. Elas mesmas puderam acrescentar novos ofícios e direções em suas vidas, passaram a igualar-se ao ser masculino, a representar o grito pela liberdade, suas vontades começaram a ser respeitadas. Ainda sim, com o grande espaço adquirido, existem visíveis desigualdades, e muitas mulheres vivem a mercê dos homens e presas aos valores que lhes opuseram desde criança e sobre o comportamento e o papel que a mesma deve exercer.

Diante do que foi exposto sobre as representações sociais, e a importancia dessa teoria na concepção da imagem da mulher como ser representante de uma sociedade que ao longo dos anos foi redefinindo seu papel perante as mudanças e os avanços ocorridos durante o tempo. Observa-se que a atuação feminina no meio social é alvo de estudos de pesquisadores que buscam compreender como se deu a evolução do processo da atuação da mulher, não apenas no cenário doméstico como também em todo círculo social.

Pelo viés da teoria da representação social foi possível analisar o protagonismo da personaguem Maria Moura, mulher que caminha na contramão da sociedade patriarcal do século XIX. Diante do entendimento que se alcançou sobre essa teoria, onde define a representação como a relação estabelecida entre dois objetos, determinou-se que a mulher empoderada (*Maria Moura*) é a representação sob a ótica da sociedade patriarcal.

Conforme Andrade (2000) as representações constituem um conjunto ativo:

> O sentido da representação de um objeto advém da relação com outras representações de outros objetos que forma um campo de representação. Portanto, o que confere seu sentido a uma representação não é tanto seu conteúdo, os elementos que a formam, mas a relação entre esses elementos. (ANDRADE, 2000 apud COUTINHO, e MENANDRO, 2015, p. 56).

De acordo com os autores, a representação social é a representação de algo ou até mesmo alguém por outro alguém, a discursão sobre o papel da mulher na sociedade teve mais destaque a partir dessa concepção, que tem o objetivo de entender como a relação entre o papel da mulher e a sociedade se estabelece. Por

isso é preciso compreender que em cada época da sociedade a função da figura feminina se modificou até chegar aos dias atuais.

No entanto, vale ressaltar, que o papel da mulher na sociedade tanto se modificou como retroagiu, pois, muitas delas conseguem se estabilizar e construir uma vida sem oposição de um homem. Enquanto outras ainda são submetidas ao dominío masculino, sendo vitímas de torturas psicológicas e fisícas acometidas principalmente pelas marcas deixadas pelo patriarcalismo, essa submissão se dá por vários motivos. Mesmo estando em pleno século XXI, as injustiças e preconceito com o ser feminino ainda insistem em permanecer, a ideia de que o papel da mulher é exclusivamente cuidar das tarefas domésticas, dos filhos e do marido ainda existe, e é comum que as próprias mulheres concordem com essa concepção.

7 MARIA MOURA NA CONTRAMÃO DA SOCIEDADE PATRIARCAL

A sociedade patriarcal no Brasil surgiu assim que os europeus instalaram-se nas terras brasileiras, com a implantação de suas culturas e religião, impuseram seus constumes e valores sobre os índios que aqui habitavam. Dissermindo a maneira de construção familiar, baseada nos principios clerical e do modelo já existente na Europa, com isso o patriarcalismo ficou estabelecido como composição social fundada no patriarcado. Esse termo remete ao patriarca, o chefe da parentela, aquele que detem do poder absoluto sobre sua familia, decidindo o destino de todos os membros. Este poder está focalizado no ser masculino, pai, marido, irmão.

Albuquerque (2003) diz que:

> Aquela sociedade marcada pelo poder masculino, pelo império dos pais, sociedade das parentelas, fundamentada em relações paternalistas, se modificava progressivamente por um processo visto como de desvirilização, de declínio de um dado modelo de masculinidade em que as fronteiras de gênero se confundiam. (ALBUQUERQUE 2003, p. 665).

Esse modelo de construção familiar no Brasil deixou raízes que sem dúvidas ainda perduram nos dias atuais, a definição que se tem de patriarcalismo, como sistema social, ainda é vista como uma forma de construção social, sendo o ser masculino centro do poder dominante nesa organição.

Na região nordeste do Brasil, o debate sobre o patriarcado se instala nos aspectos marcados pelo coronelismo, onde a figura masculina apresenta-se como um ser rude, agressivo e ditador, principalmente aqueles que possuiam uma grande aquisição de bens. Se o coronel tinha essa fama nos arredores da sociedade, a sua conduta no meio famíliar não era diferente, agia conforme os seus métodos estalelecidos, como o temido patriarca da casa grande. Com essa categoria de homem possuidor de todo direito, como era possível em pleno século XIX uma mulher ser independente e traçar seu próprio destino, e mais, no sertão nordestino, onde as condições de vida eram precárias e não havia recursos de grande vantagem. Com isso, observa-se que a sociedade do sertão nordestino, adquiriu as ideias machistas que existem nos dias de hoje, baseada nos conceitos que surgiram lá atrás, com a preconização instalada pelo coronelismo advindo do patriarcado.

Por meio da história é possivél conhecer a luta de mulheres que fugiam desse sistema de construção de familias, essa fuga se dava através do poder que

elas adquiriam sobre suas decisões. Na ficção literária também se constata a existência da figura feminina como responssável pelas suas próprias escolhas.

A escritora Rachel de Queiroz, nas produções de seus romances, retrata suas personagens principais como protagonistas de suas vidas. Em *O quinze*, lançado no ano de 1930, a autora nos apresenta a personagem Conceição, uma jovem professora com pensamentos críticos a respeito da sociedade de 1915. Ao longo do enredo, ela vai expondo seus desejos por uma sociedade mais justa, o casamento para ela não é visto como primordial, e sim sua carreira.

Dois anos depois lança o romance *João Miguel,* ainda que o livro seja intitulado com um nome masculino, a personagem que se sobressai é Santa. Ao construir o enredo da protagonista, Rachel de Queiroz refaz a figura padrão de mulher estabelecida pela sociedade da época, as atitudes de Santa, mostra que ela agia pelos seus desejos mais intimos, e não tinha medo de ser repugnada.

A obra *As três Marias*, publicada em 1939, tem como destaque a protagonista Guta, a mesma sente-se realizada ao adquirir um emprego na carreira pública, vivendo a plenitude de uma mulher completa. Mais tarde em 1975, ela publica o romance *Dôra, Doralina,* onde a personagem Dôra decide embarcar na carreira artística viajando por diversos lugares.

A personalidade de Maria Moura, não se distancia das demais personagens criadas por Rachel, a protagonista, busca meios para sobreviver e se destacar na sociedade, se torna uma mulher plena e vitóriosa. As vontades de Moura afastam-se dos moldes criados sobre o comportamento feminino do seculo XIX, ela mesma não tinha interesse algum em aprender ser uma dona de casa perfeita, tampouco viver sobre a guarda de uma figura masculina “[...] desde cedo me sufocava aquela casa no limoeiro [...] com a mãe era diferente, nunca briguei com ela. Só quando ela vinha me exigindo comportamento de mocinha de família” (QUEIROZ 2008, p.124). Observa-se que Moura se inclina contra o patriarcado que as próprias mulheres eram acostumadas a ensinar aos filhos desde cedo.

Rachel em seu último romance apresenta ao leitor uma protagonista que completa todas as outras personagens femininas criadas anteriormente por ela em seus romances, isso porque, Moura se destaca no sertão do nordeste brasileiro com astúcia e bravura, vestindo-se realmente como um homem para impor ordem e respeito, não media esforços para estar sempre prepara para agir e vencer os inimigos, mandava e desmandava em seus homens, como elucida o fragmento a seguir:

> Comigo é capaz de ser pior do que com um cabo e sargento. Têm que obdecer de olhos fechados. Têm que se esquecer que eu sou mulher pra isso mesmo estou usando estas calças de homem-Bati no peito: -aqui não tem mulher nenhuma, tem so o chefe de vocês. Se eu disser que atire, vocês atiram; se eu disser que morra é pra morrer. Quem desobedecer paga caro. Tao caro e tão depreça que nao vai ter tempo nem para se arrepender. (QUEIROZ 2013, p.86).

Ela mesma estabeleu seu papel na sociedade nordestina, conseguiu fugir das amarras masculinas, e da configuração da familia patriarcal do século XIX, ela se sente realizada a partir do momento em que tem sua casa, seus ouros, suas armas. Tudo que ela conquistou lhe deu poder para ser venerada. Homem algum lhe fez um mal que não tivesse sido punido, alcançou todos os seus objetivos mesmo com todos os obstaculos, “Quero que ninguém diga alto o nome de Maria Moura sem guardar respeito. E ninguém fale com Maria Moura- seja fazendeiro, doutor ou padre, sem ser com o chapéu na mão” (QUEIROZ 2013, p.128). Esta é uma das perspectivas mais latentes que norteia Maria Moura a ir contramão da sociedade patriarcal, ao contrário do que se possa pensar era comum em pleno século XIX uma mulher sonhar com o tipo de aventura tal qual a referida personagem, entretanto o medo de sofrer represálias se tornava um obstáculo, mesmo assim existiam algumas que ousavam fugir, afinal, arriscar a própria vida era melhor do que sofrer a condenação de uma infelicidade infinda, pois mesmo quando a mulher obedecia a todas as ordens dos chefes da família sofria com agressões fisícas severas.

Nota-se que a protagonista Moura, representa uma dessas mulheres que arriscaram a vida em nome da liberdade. “Vendo a minha casa transformada num fogaréu, e feito pelas minhas próprias mãos, desabei em pranto” (QUEIROZ 2013, p.69).

A personagem deixou tudo para trás, mas não se submeteu aos caprichos dos seus primos de tornar-la esposa de Irineu, tampouco se deixou levar pelas falatórias que se sucedeu quando ela partiu com um bando de homens e poucos recursos para iniciar uma nova vida, Moura surpreendeu toda sociedade da época, e causou reviravolta devido a suas peripécias durante sua jornada e colocou cada inimigo em seu devido lugar.

No alvo de sua justiça, decidiu derrotar até mesmo o homem que amava, quando ele desrespeitou as leis que precediam a sua casa forte e traiu a sua confiança. Assim como os demais, pagou com a própria vida, “[...] eu tinha mesmo que matar Cirino. Entre nós dois não podia mais haver solução. Se ele escapasse, voltava atrás de mim para me pegar [...]” (QUEIROZ 2013, p.4570).

Maria Moura tinha horror em cair nas mãos de um homem, por maior que fosse seu amor por Cirino, decidiu elimina-lo, em alguns momentos da trama a personagem pensou em ser dominada completamente por Cirino, de deixa-lo no comando de toda aquela riqueza que ela havia conquistado. “Eu chegava a pensar às vezes em entregar o que era meu a ele- a casa, a fazenda, os homens, o comando de tudo, ficar sendo só a mulher dele” (QUEIROZ 2013, p. 399). No entanto, isso não foi concretizado porque ela nunca confiou em nenhum homem algum.

A visão da protagonista sobre a figura masculina era de alguém que lhe pudesse servir durante suas lutas, e que pudesse proteger seu patrimonio, que realisasse seus desejos carnais, como foi o caso de Duarte.

> Eu tinha horror a casamento. Um homem mandando em mim, imagina: logo eu, acostumada desde anos a mandar em qualquer homem que me chegasse perto. Até em Liberato, que era quem era- perigoso-, achei de dalhe a última palavra. Um homem me governando, me dizendo-faça isso, faça aquilo, qual! Considerando também tudo que era meu, nem em sonho-ou pior, nem em pesadelo. E me usando na cama toda vez que lhe desse na veneta. Ah, isso também não. (QUEIROZ 2013, p.332).

Mais uma vez a personagem demonstra oposição ao patriarcalismo, com essa fala ela indica que não aceita ser governada por nenhuma força masculina. Suas vontades e desejos prevalencem, e a mesma tem poder suficiente para reprovar e não aceitar esse tipo de submissão, pelo contrário, o homem que tem que se sujeitar e está disposto a concordar com as suas exigências, caso contrário não serve para ela. Com isso, é perceptível que o patriarcado da trama se revela destrutével à medida que a personagem rejeita o homem como detentor de todo direito sobre a vida dela, quando opta por não querer construir sua história com sujeitos que tentam lhe manipular.

É interessante perceber, que a trama disponibiliza a vertente cruel do patriarcalismo, que marca a atrocidade das represálias acometidas pelos patriarcas da sociedade do seculo XIX. Rachel de Queiroz expõe a figura femina em duas vertentes, a da protagonista que se opõe ao poder do sexo masculino, e a da que tem seu destino marcado pelo severo castigo da desobediência do padrão estabelecido pelo patriarca.

Com isso, a autora deixa explícito como seria a sina de Maria Moura casoela se submetesse ao poder masculino, a direção poderia decerto ser igual a da sua mãe, que foi supostamente assaninada pelo padrastro, por não obedecer à ordem

de assinar os documentos que ele tanto queria. Ou seu fim seria o mesmo que a de dona Bela, personagem que foi assassinada pelo marido Anacleto, por ter um relacionamento extraconjugal. Provavelmente o rumo de Moura seria viver trancafiada dentro de casa, e permanecer sob o comando do marido e sofrer violência psicológica, caso o plano de Tonho, seu primo tivesse dado certo. Decerto que ela poderia seguir os passos da prima Marialva, fugir de casa sob a custódia de um homem e refazer a vida, casos como este último também eram muito comuns no século XIX. As mulheres fugiam de casa por não aceitar a dominação do pai, ou por não querer se casar contra a vontade, às vezes dava certo, outra não. Essas atitudes femininas refletem até hoje em pleno seculo XXI.

Enfim, as alternativas eram poucas, sem duvida o desfecho seria marcado pelo poder masculino, que na época era muito comum às mulheres não objetivarem sobre nada, de se conformar com as injustiças, de ter um destino travado pelas injustiças sociais.

Maria Moura vai de encontro à liberdade, vive como quer, tinha seus momentos de fraquesa, no entanto nao demostrava a ninguém, de acordo com Queiroz (2013, p. 389) “No escuro, na cama, quando me vi estava chorando. Enxuguei os olhos no lençol, danada da vida. Te aquieta Maria Moura. Você não é mulher de chorar, nem mesmo escondida.”

Dessa maneira, ao analizar o protagonismo da personagem Maria Moura, torna-se percebível que a brecha encontrada pela heroina para resistir ao poder dominante do patriarcalismo, foi à decisão que a mesma tomou quando decide ir em busca de seus sonhos e encontrar meios que pudesse lhe tornar uma mulher de poder, de ser vista pelo mesmo amgolo em que eram visto os homem da sua época, dominante, poderoso e respeitado pelas calças que vestia.

A personagem resistiu quando preferiu a vida dura no mato à sua aconchegante casa no Limoeiro, onde era tratada com cuidados e mimos pelas suas cunhãs. Em vez de casar, ter filhos e cuidar do lar, tal como era o constume estabelecido pela sociedade patrialcal do século XIX, aderiu à vida cercada por homens, vivendo uma vida de aventuras pelo sertão nordestino. Desde o instante em que Maria Moura troca às saias pelas calças, os enfeites femininos pelo bacamarte, ela traça seu destino para sempre, deixando a sua zona de conforto para ir aonde ela quisesse, onde seu cavalo lhe levasse sem medo de srofrer represalhas.

8 PROCEDIMETOS METODOLÓGICOS

O procedimento utilizado para esta pesquisa pode ser classificado como método dialético, de acordo com Diniz e Silva (2008) o método dialético é:

> Tem como objetivo, observar de forma mais crítica os acontecimentos descritos através de algum fenômeno, porém, de uma forma mais ampla, buscando não apenas descrever o fenômeno em si, mas suas causas e suas consequências, buscando com isso entender a realidade em sua totalidade. (DINIZ e SILVA 2008, p. 23).

A utilização da dialética como ferramenta de pesquisa ajuda no desenvolvimento da reflexão crítica diante de qualque circunstância, pois o explorador começa a questionar-se acerca do que está envolvido além do visivel. Por meio da dialética estabelecida neste trabalho que tem por finalidade explorar e analisar o protagonismo da personagem Maria Moura como mulher empoderada que resistiu ao poder do patriarcalismo no século XIX. Nesse contexto é nessessario estabelecer um campo invertigativo, para que assim o pesquisadorconsiga alavancar seus conhecimentos no territorio a ser estudado, com o intuito de levar o conhecimento adquirido para novos pesquisadores que virão a fazer novas pesquisas e estudos acerca do que será proposto.

7.1 Tipo de pesquisa

Optou-se pela pesquisa bibliográfica na realização deste trabalho, na qual pode contar com a ultilização de um vasto levantamento de textos, livros, artigos, teses que sirvaram como embasamento teórico para a produção do trabalho de conclusão de curso.

De modo geral, os procedimentos realisados foram os seguintes: Pesquisa bibliográfica; pesquisas sobre o surgimento do romance de 1930 no Brasil, publicações de revistas, documentários sobre Rachel de Queiroz, entrevistas, monografias e uma vasta bibliografia já tornadas públicas em relação ao tema em estudo. Segundo Marconi & Lakatos (2009), “A bibliográfia pertinente oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecido, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizam suficiente” (MARCONI & LAKATOS 2009, p.57). Sob esta mesma ótica as outoras poderam que: “a pesquisa bibliografica não é mera reprodução do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sobe novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI & LAKATOS 2009, p. 57).

9 RESULTADOS E DISCURSÕES

Ao analisar o percurso da protagonista Maria Moura pelo sertão nordestino em pleno século XIX, foi possível encontrar várias formas de resistência que a personagem atinou para livrar-se do poder dominante do patriarcalismo. Maria Moura se mostra uma mulher ímpar desde o começo da trama, quando planeja o sumiço do padrasto e do chantangista Jardelino, também dispensa a aproximação dos primos ambiciosos em suas terras, livra-se dos seus inimigos e por mais cruel que fossem seus métodos, era a única alternativa que ela tinha, levendo- se em consideração que o século XIX era desprovido de leis e direitos que pudesse amparar a mulher. Caso não tomasse uma atitude severa mediante a vulnerabilidade que ela encontrava-se, provavelmente seria uma vítima fatal de algum desses homens.

A personagem mostrou ressignificar seu papel na sociedade ao enfrentar o árduo sol do nordeste, as durmidas a céu aberto, a escassez de comida, e o perigo da vida no bando que ela havia formado. A dura jornada para encontrar as terras na Serra dos Padres foi longa, porém, durante esse caminho ela se fortaleceu e também as suas ambições de mulher, de ter e de querer. Ter condicões para nunca assumir o papel estabelecido pela sociedade patriarcal, pois o lugar dela, ela mesma definiu, quis ser e foi, a mulher lider/chefe do seu bando, onde a mesma manda e desmanda porque impôs respeito, deu exemplo, e suas fraquezas nunca foram percebidas por ninguém. Tornar-se uma mulher com os mesmos aspectos de Maria Moura mediante o sertão nordestino e em pleno um século marcado pelas incertezas não era facil. Como foi verificado nas pesquisas deste trabalho, observou-se que o único domínio alcançado pelo ser feminino no século XIX era nas tarefas de casa, dos cuidados com os filhos, organizando de tudo para que o patriarca pudesse se enaltecer de ser o dominador e detentor de todo poder. As mulheres que pertenciam às familias com condições financeires mais elevadas tinham a oportunidade de aprender a ler e escrever, no entanto não saim do interrior de suas casas, a não ser acompanhadas.

Os ideais estabelecidos pela construção da familia patriarcal eram rigorosos, assim como as punições convencionadas pela falha da mulher. Ao longo da narrativa, Rachel de Queiroz, apresenta as severidades desses castigos, o homem tinha todo direito sob a mulher, poderia até mata-la se quisesse, bastava alegar que foi em defesa dos bons constumes, a autora apresenta as várias formas de violência que sofriam as personagens femininas do enredo.

Assim como em todas as regiões do Brasil, no sertão nordestino do século XIX, a mulher estava proibida de frequentar o espaço privado, isso porque, ela não tinha nenhum domínio sobre a educação ofícial, raramente aprendiam a ler e escrever. Sem ensino e capacitação profissional era complicado encontrar um trabalho e se estabilizar financeiramente.

Albuquerque Júnio (2001) aponta que:

> A mulher-macho era aí uma exigência da natureza hostil e da sociedade marcada pela necessidade de coragem e destemor constante. Portanto, o discurso regionalista nordestino vai criando não só o homem nordestino, mas a própria mulher nordestina como caracterizados por traços masculinos, traços da sertaneja. (ALBUQUERQUE, 2001, p. 247 *apud* CAVALCANTE, p. 06).

A mulher que pretendia se desprender do patriarcalismo tinha que buscar alternativas diferentes para ganhar dinheiro, a partir desse ponto de vista o papel da mulher na sociedade foi se modificando. Aos poucos elas foram desconstruindo a ideia de que sua função era apenas no interior de suas casas, quando começam a marcharar em oposição ao patriarcado, o rumo e as mudanças se determinaram quando elas buscam por condições de melhores tratamentos e igualdade.

Quando Rachel de Queiroz nos presenteia Memorial de Maria Moura, ela nos ajuda a compreender que para a protagonista Moura se livrar do tratamento dispendido a mulher do seculo XIX, não era fácil. É observável que a protagonista tinha poucos meios para sobreviver em um período como aquele, onde a pobresa era severa, o chão ardia como fogo e não se tinha grandes farturas de negócios comérciais.

Porém, a personagem resistiu com as “armas que tinha nas mãos” a possibilidade de ir na contramão da sociedade patriarcal era encarar o fato de que se ela não tomasse uma decisão radical como a de formar um bando e sair pelo sertão nordestino assaltando de quem tinha mais, era pouco provavél adquirir algum status, na verdade nem o mínimo, suas astúcias e o pensamento de ser “alguém grande” a fez tomar a decisão mais inusitada que uma mulher poderia tomar em pleno seculo XIX. Dessa forma, se torna uma representação de força feminina do sertão nordestino, de mulher além do seu tempo, com o pensamento de empoderamento, tal como existe nos dias atuais.

Essa vontade de alcançar mais que o mínimo de vantaguem sob o homem e a sociedade de forma geral, fez a protagonista elevar seu nível como figura feminina. Com o pretesto de se sentir mais confortável usando vestimentas de homem, adquire respeito e poder, de qualque maneira não foi por causa das calças

que ela era temida, mas sim pelos seus feitos e ações.

As protagonistas dos erredos da romanticista cearence são todas de características forte, que iam em busca de seus sonhos, e não se vitimisavam diante dos percalços da vida. Sobre essa perspctiva, Helóisa Burque de Holanda diz que “ela é fundamentalmente a favor da mulher. Suas personaguens são poderosas, ela tem uma galeria de mulheres fortes que culmina com Maria Moura”. Seu intuito não era engajar a luta feminista dentro da sua obra, até porque a autora não demostrava interesse nessas questões, ela reproduz com verossimilhaça os relatos desde criança que constuma ouvir no sertão nordestino de seu pai e dos visitantes da fazenda em Quixadá no interior do Ceará.

Dessa forma, a autora propunha relatar a representação da mulher na sociedade, constrói uma imagem de ser feminino que se distancia daquela caracterizada nos enredos das obras do Romantismo, onde a doçura da mulher era algo sublime, na maioria das vezes sua perfeição era tão grandiosa e extrema que se distanciava da realidade. A tendência dessa escola literária era a idealização da mulher como de um ser impecável.

De tal maneira, Rachel de Queiroz tem seu nome marcado na defesa de temas envolvendo a figura feminina, pois ao longo de toda sua vida literária desenvolveu tramas relevantes sobre o papel da mulher em seu contexto real. Com isso, impulsiona a visibilidade de temáticas que apontam o comportamento da sociedade em relação às vontades e os desafios da mulher, que durante muito tempo estabelece regras sociais voltadas apenas para elas, dando continuidade a uma série de preconceitos.

A obra Memorial de Maria Moura, ganha especial destaque nesses quisitos de retratar em sua narativa uma visão completa das circunstâncias encaradas pelas mulheres em seus cotidianos. Ao desenrolar da trama é possível verificar que cada personagem femina representa em sua totalidade, as diferentes cituações vividas pelas melheres no século XIX, isso porque o patriarcalismo predominava como meio de construção familiar.

.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que por meio de obras literárias com temas que têm por objetivo narrar e discernir o protagonismo da mulher na sociedade é possível acompanhar a trajetória de várias personagens que de alguma forma deixaram rastros de sua luta contra o patriarcalismo e o machismo.

Memorial de Maria Moura se evidencia como uma das melhores obras de Rachel de Queiroz, por propiciar uma dimensão crítica de análise da sociedade e dos personagens. Esta autora escolheu com retidão todos os aspectos abordados na obra, com uma escrita naturalmente descritiva, com foco na história do sertão e do sertanejo, na geografia e cultura local.

Há de se considerar que, a perfeição da narrativa tem uma categoria estílistica das mais interessantes e difíceis de produzir: os narradores personagens que contam a trama por meio do seu proprio ponto de vista, narrada em primeira pessoa, escrita simples e objetiva, cenario árido. Todas estas caracteristicas compunha uma obra estonteante.

No entanto, a obra não se destaca somente pelas categorias supracitadas acima, mas também por apresentar em sua narração temas recorrentes já elencados por Rachel em outras tramas. Sendo assim, nesta obra é possível notar que a personagem feminina mais uma vez é sinônimo de persistência e luta, desejo de ganhar destaque pelos seus meritos, as brigas por questões territorias e o poder do coronelismo também marcam outras narrativas da autora. O fato das protagonistas de Rachel terem a mesma disposição de permanecerem sós, sem o companherismo do sexo opsto no final da trama, isso dá a ideia de que elas se bastam, que trilhar seu próprio caminho por meio de seus objetivos é mais interessante.

Neste contexto, observa-se que a personagem Maria Moura, ao alcançar seu tão sonhado poder, na verdade demonstra que mesmo estando em uma época onde as mulheres tinham poucas possibilidades de se desprenderem do ser masculino e de uma sociedade de injustiças, valia apena enfrentrar os desafios e se libertar de alguma forma.

Sendo assim, ir na contramão da sociedade patriarcal foi a maneira que a personaguem encontrou para fugir e reconstruir sua vida, como tantas mulheres fizeram no sertão nordestino, muitas vezes nem tanto para fugir do patriarcalismo, mas sim da fome e da seca que se estendia pelo nordeste do país. O imapcto da

sociedade do século XIX ao ter que encarar que a mulher teria capacidade de assumir um papel temido no qual caberia somente ao um homeme surprende ao mesmo tempo em que seria inacreditavél, Moura trás em si a prepresentação da mulher do sertão, corajosa e com autodeterminação. Nessa perspectiva, este trabalho monográfico apresentou discussões e aspectos da representação feminida protagonizada na obra Memorial de Maria Moura, que pelo próprio título do romance, já apresenta a ideia de memória, acontecimento, fato, relato. Memórias de uma jovem sinhazinha que supera as espectativas do leitor, por se aproximar naturalmente com a realidade tanto dos anos 1800 como os dias atuais. O debate acerca da configuraçao de família que se tinha na época, e os conceitos atribuidos ao papel da mulher na sociedade, bem como o percurso da história da mulher no século XIX.

Não obstante, é oportuno observar que, Rachel de Queiroz, coloca em pauta o papel da mulher real, não idealizando absolutamente nada no que diz respeito a sua figura, as mulheres do sertão assim como as das zonas urbanas também sabiam se desenrolar e procuravam alternativas para sobreviver. A construção literária da autora parte dos relatos verdadeiros, isso é uma vertente que torna a obra tão proxima da realidade, e faz com que o leitor se debrusse com prazer na leitura e alanálise crítica da obra.

Abordar essa temática, e desenvolvê-la ao longo desta pesquisa foi de suma importância para a obtenção de novos conhecimentos, buscou-se teorias que pudessem embasar de forma científica os questionamentos levantados durante a releitura da obra e a elaboração desta monografia, diante deste estudo, a relevância de propor uma abordagem critíca sobre o ser feminino e todo seu universo é imprescidivel para formulação de novas perspctivas acerca do protagonismo feminino tanto nos romances de Rachel de Queiroz como em outras obras.

REFERÊNCIAS

ABREU, Laile Ribeiro de. O texto queiroziano e seu percurso crítico. In: **Em Tese**. Belo Horizonte: UFMG, 2012. v. 18. Disponível em: < http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index>. Acesso em: 30 de out. 2010.

ALBUQUERQUE JÚNIOR**,** Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo; uma História do gênero masculino** (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Editora Catavento, 2003.

BERTH, Joice, **Empoderamento/Joice Berth.** Ed- digital Pólen, 2019.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. — 48ª. Ed. — São Paulo:Editora Cultrix, 2006.

CUNHA, Cecília Maria. **Vivências Em Retalhos**: Um Ensaio Sobre A Crônica De Rachel De Queiroz Nas Páginas De O Cruzeiro (Anos 50). 2011. (Tese de Doutorado em Literatura) –Área de concentração em Teoria Literária, Florianópolis-SC, 2011.

COUTINHO, S. M. dos S; MENANDRO, P. R. M. **Representações sociais do ser mulher no contexto familiar:** um estudo intergeracional. 2015. Psicologia e Saber Social, 4(1), 52-71, 2015. : 10.12957/psi.saber.soc.2015.13538.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras**. Uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Planeta, 2020.

DINIZ, C. R.; SILVA, I. B. da. **O método dialético e suas possibilidades reflexivas**. Campina Grande, Natal: UEPB/UFRN – EDUEP, 2008. 23 p. Disponível em: file:///C:/Users/F%C3%A1bio/Downloads/met_cie_a05_m_web_310708.pdf.Acesso em: 28 dez.

EDMÍLSON, Caminha. **Rachel de Queiroz: a Senhora do Não Me Deixes**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

FONTES, Lilian. **ABC de Rachel de Queiroz.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

FREYRE, Gilberto, **Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 2 Sobrados e mucambos Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano.** 1ª Ed.- digital São Paulo, 2013.

FERREIRA, Carla Érica, **Anacronismo ou Ressignificação.** (Dissertação de Mestrado em Teoria Litéraria) Universidade Federal de Uberlandia, 2013**.**

GOMES, Maria José Pereira, **Língua, sujeito e enunciação em "Memorial de Maria Moura": deslizamentos metonímicos e metafóricos**. (Dissertação Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco 2009.

JACKSON, David kenneth. **Nabuco a Machado**/ **Machado a Nabuco** ressonâncias de uma correspondência. Revista USP, São Paulo, n.83, p. 14-23,

setembro/novembro 2009. Disponível em >http://machado.mec.gov.br › item › download<. Acesso em: 20 de jul. 2021.

Leitura Produção de Gêneros Acadêmico. Org. I. Sato, Denise Tamaê Borges. II. Batista Júnior, Lopes- Teresina: EDUFP, 2001. p 188p.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. Ed.-Reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MIRANDA, Ana. **Dias e dias**. Ed. digital — Companhia das Letras, São Paulo 2002.

QUEIROZ, Rachel de, **Memorial de Maria Moura**. 20 ª Ed. -Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues**, A BUSCA PELO EMPODERAMENTO FEMININO AO LONGO DA HISTÓRIA E COCO CHANEL COMO ÍCONE DAS MUDANÇAS NA VIDA DA MULHER DO SÉCULO XX.** Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 23, n. 2, p. 401-422, maio/ago., 2019.

OLIVEIRA, Cristiano Mello de, **ASPECTOS COLONIAIS - A OPRESSÃO DO FEMININO 1NA OBRA DESMUNDO, DE ANA MIRANDA.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos),Florianópolis, 2013. ISSN2179-510X

OLIVEIRA, Angela Maria, **Teoria das Representações Sociais 50 anos**. Ed. digital, Org- Brasília: Technopolik, 2014.

SCHWAHN, Angela Mari Mattos Pereira; GRAUPE, Mareli Eliane & CARON, Lurdes. **Gênero e magistério: questões pertinentes.** Revista Espacios, 2019.

TAMARU, Angela Harumi. **A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz.** 2004. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da linguagem. São Paulo, 2